



AMORES ABUSIVOS: O SILENCIAMENTO DA VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS

Bruna de Souza Cunha¹

Lavínia Pereira¹

Fernanda Bicalho Pereira²

Magali de Paula Silva Santana³

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO: O objetivo desse estudo é adentrar nas vivências de relacionamentos abusivos de mulheres e seus parceiros para trazer à tona todos os conteúdos e experiências dessas mulheres. Estudos como este buscam construir um espaço seguro para dar visibilidade a essas mulheres em vivências, muitas vezes, solitárias e pouco ou nada compartilhadas com outras pessoas. São vivências dolorosas e invisíveis. Trata-se de um estudo descritivo exploratório, qualitativo, de caráter fenomenológico. Esta metodologia permitirá um acesso ao mundo vida dessas mulheres, de forma a compreender a vivência do relacionamento abusivo por elas experimentado, uma vez que a pesquisa fenomenológica tem por base a dialética mobilizadora e profunda do sujeito. Para a concretização desta entrevista, foram escolhidas três participantes do sexo feminino, de diferentes idades e etnias. As mesmas tinham em comum a vivência dentro de um relacionamento abusivo. Percebeu-se que a vida dessas mulheres traz diversas marcas, como a dor, a solidão e a invisibilidade. Existem sentimentos comuns nas vivências de relacionamentos abusivos, entre eles: o medo, a vergonha, a culpa; e uma dificuldade, quase uma incapacidade de falar sobre, pedir ajuda e sair desses relacionamentos. A rede de apoio e o acolhimento são essenciais para que isso aconteça.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionamento Abusivo; Silenciamento; Agressão; Agressão Psicológica

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2017) a violência contra as mulheres, particularmente a violência por parte de parceiros e a violência

¹ Graduandas em Psicologia/ Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

² Psicóloga. Mestre em Saúde e Enfermagem. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

³ Psicóloga. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

sexual são grandes problemas de saúde pública e de violação dos direitos humanos das mulheres. Estimativas globais publicadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) indicam que, aproximadamente, uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros, durante a vida. A maior parte dos casos é de violência infligida por parceiros. Em todo o mundo, quase um terço (30%) das mulheres que estiveram em um relacionamento relatam ter sofrido alguma forma de violência física e/ou sexual na vida por parte de seu parceiro. Globalmente, 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos por um parceiro masculino.

Estudos como este são importantes para discutir e construir canais de informação para todas as pessoas envolvidas em situações como as relatadas nas estatísticas. Um estudo realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019), aponta que o índice de violência doméstica com vítimas femininas é três vezes maior que o registrado com homens. Os dados avaliados mostram também que, em 43,1% dos casos, a violência ocorre tipicamente na residência da mulher, e em 36,7% dos casos a agressão se dá em vias públicas. Na relação entre a vítima e o perpetrador, 32,2% dos atos são realizados por pessoas conhecidas, 29,1% por pessoa desconhecida e 25,9% pelo cônjuge ou ex-cônjuge. Com relação à procura pela polícia após a agressão, muitas mulheres não fazem a denúncia por medo de retaliação ou impunidade: 22,1% delas recorrem à polícia, enquanto 20,8% não registram queixa.

Essa dificuldade na identificação dos relacionamentos abusivos pode estar ligada à história de vida da pessoa. Os abusos podem causar problemas psicológicos graves e os estudos apontam para um grande problema que é a saída dessas situações, essas mulheres terão dificuldades em se desvencilhar desses relacionamentos abusivos. Neste estudo, enfatizamos a relação abusiva nos casos de violência de gênero feminino. Discutir violência contra a mulher implica discutir sobre a cultura de gênero que sustenta a superioridade masculina em nossa cultura.

Diante disso, o objetivo desse estudo é adentrar nas vivências de

relacionamentos abusivos de mulheres e seus parceiros e trazer à tona todos os conteúdos e experiências dessas mulheres. Estudos como este buscam construir um espaço seguro para dar visibilidade a essas mulheres em vivências, muitas vezes, solitárias e pouco ou nada compartilhadas com outras pessoas. São vivências dolorosas e invisíveis.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, de caráter fenomenológico. Amatuzzi (1996) afirma que a pesquisa fenomenológica é uma forma de pesquisa qualitativa que

“designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência”(AMATUZZI, 1996, pag. 20).

Esta metodologia permite um acesso ao mundo vida dessas mulheres, de forma a compreender a vivência do relacionamento abusivo por elas experimentado, uma vez que a pesquisa fenomenológica tem por base a dialética mobilizadora e profunda do sujeito.

A pesquisa foi realizada com três pessoas do gênero feminino. A primeira é Isadora, 30 anos, advogada, solteira. A segunda é Valéria, 22 anos, estudante, solteira. E a terceira é Maria, 31 anos, Auxiliar Recursos Humanos, solteira. Todas vítimas de relacionamento abusivo. Vale ressaltar que estes nomes citados são todos fictícios, apenas como um meio de identificação de cada personagem desta pesquisa.

O instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista não estruturada a partir de uma pergunta norteadora que permitiu o acesso às vivências dessas mulheres, utilizando-se da abordagem fenomenológica. As entrevistadas receberam o TCLE, (Termo de consentimento livre e esclarecido) por meio do Google Forms e foram devidamente orientadas sobre a pesquisa e seus objetivos. A seguir, após o consentimento foram realizadas as entrevistas, partindo de uma pergunta norteadora: “Conte-nos sobre sua vivência de um amor considerado abusivo”. As entrevistas



foram gravadas, após o consentimento das entrevistadas, pelo aplicativo de chamada de vídeo Zoom e, após este momento, transcritas. Todos os vídeos das entrevistas serão guardados em sigilo durante 5 anos, conforme a Lei 466/2012 .

A análise das entrevistas seguiu passos apontados por Forghieri (1996) para a análise compreensiva dos fatos: a leitura atenta de cada relato, no intuito de captar o sentido da vivência; releitura de cada relato e registro das frases que se referem às vivências de relacionamento abusivo e o significado dessas vivências; comparação dos dados obtidos, na busca por captar e explicitar sentidos comuns; articulação entre os elementos que aparecem mais vezes para a elaboração da descrição dos resultados.

Forghieri (2002) aponta que a pesquisa fenomenológica envolve dois momentos: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo. O primeiro consiste no retorno do pesquisador à vivência, ao mundo vida da pessoa para acessar o fenômeno; o segundo parte da reflexão sobre a vivência, de voltar-se para os sentidos e significados captados; descrevê-los e analisá-los à luz da teoria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Colaboradoras

Para a concretização desta entrevista, foram escolhidas três colaboradoras do sexo feminino, de diferentes idades e etnias. As mesmas tinham em comum a vivência dentro de um relacionamento abusivo.

A primeira entrevistada é a Isadora, advogada, 30 anos, solteira, possui uma filha de 5 anos, independente financeiramente mas ainda mora com os pais; a segunda Valéria, estudante, 22 anos, solteira, trabalha e também mora com os pais; a terceira, e última, se chama Maria, trabalha em RH e tem 31 anos, namora atualmente e vive com os pais.

Acesso aos depoimentos

Para a coleta dos depoimentos de cada entrevistada, seguindo a metodologia descritiva exploratória, qualitativa, de caráter fenomenológica, foi feita uma pergunta norteadora: *“Como foi sua vivência dentro de um relacionamento abusivo?”*

Ao ser feita esta pergunta, esperava-se que as colaboradoras descrevessem sua experiência de forma livre e autônoma. As experiências trazem aspectos que condizem com as ideias de Gomes (2018), que enfatiza como principais indicativos de um relacionamento abusivo o ciúme, a possessividade excessiva, o controle sob as decisões e ações do parceiro, querer isolar o parceiro até mesmo do convívio com amigos e familiares e ser violento verbalmente e/ou fisicamente. Todas as entrevistadas relatam esses pontos que serão discutidos a seguir.

Encantamento

Ao início de quase todos os relacionamentos, mesmo aqueles que não se enquadram no que especificamos aqui, existe a fase de encantamento. Um relacionamento tem o encantamento inicial, fase de idealização, onde a paixão aflora os desejos. Essa fase é o momento que o parceiro tem o papel de conquistar a outra pessoa. No relacionamento abusivo existem padrões repetitivos dos agressores, que não duram muito tempo. Logo, a tensão precede o encantamento e situações irrelevantes causam reação exagerada, o abusado sente-se confuso ou culpado. Foi o que as entrevistadas relataram:

Isadora: “No início ele era uma pessoa boa, prestativa, bacana, muito família, religioso, na minha família todos gostavam dele. Depois de um certo tempo que estávamos namorando, ele foi mostrando um outro lado que eu não conseguia ver quando estava perto dele”.

Valéria: “...no início não tinha nenhum sinal que seria um relacionamento abusivo, porém com o passar do tempo, ele foi tendo mais costume, mais liberdade, comecei a namorar muito nova com 15 anos, não sabia muito bem minhas vontades, não sabia me impor, ou dizer não. Sempre tive problemas, como depressão e era algo que ajudava muito, não sabia às vezes tomar uma decisão sozinha, era muito

influenciada, algo que as pessoas falavam comigo já me deixava pensativa. De certa forma, com o tempo ele foi aprendendo a me manipular e se aproveitar dessa minha fragilidade, dos momentos que eu ficava deprimida, para mim não fazer algo que desagradava ele.”

Maria: “Eu tinha uns 15/16 anos e ele tinha na época 22, ele era um pouco mais velho. Era meu primeiro relacionamento. Ele era uma pessoa carinhosa, mas era de uma classe social inferior à minha e isso o incomodava”.

Mesmo com a diferença nas falas de cada entrevistada, foi possível perceber como os mesmos seguem um padrão no primeiro momento e como eles vão evoluindo para mudar as companheiras. Soares (2005), diz que a violência contra a mulher normalmente é marcada por fases e funciona em ciclos. O ciclo da violência é caracterizado por quatro fases que ocorrem de maneira repetitiva e tendem a se intensificar cada vez que se repetem, aumentando o risco da vítima ser gravemente ferida ou assassinada.

Ciúmes e Controle

Outros fatores presentes nas entrevistas e que também se enquadram nos sinais de relacionamento abusivo, são os ciúmes e a necessidade de controle sobre a vida da pessoa; uma atitude de possessividade do parceiro que pode levar ao aprisionamento do outro, pelo temor que o ciumento tem de que seu parceiro seja mais forte e que possa viver sem ele (SEO, 2006). As entrevistadas descreveram, em riqueza de detalhes, como este fator foi predominante para o início das agressões:

Isadora: “Ele tinha muito ciúmes, se preocupava muito com as minhas coisas porque eu sempre trabalhei. Eu sempre trabalhei e tinha um salário muito bom e isso incomodava ele.” “...eu fazia faculdade na época, eu tinha que ficar o tempo todo com o celular na mão porque se ele ligasse e eu não atendesse o telefone dele, era motivo de briga em casa. Então assim, o tempo todo era ele, no telefone, pessoalmente, na rua ele passava nos lugares para ver se eu realmente estava no lugar que eu estava falando.[...] ele pegava meu dinheiro.”



Ainda observa-se que as atitudes de controle aqui se manifestaram em consonância com Krug *et al.*, (2002) e Coelho (2018) ao explicarem que o controle aparece de formas sutis, perpassando proibições de atividades do dia a dia e exigência de explicações e relatórios constantes sobre o que estão fazendo e com quem estão.

Valéria: “...no início não tinha nenhum sinal, depois foi começando uma crise de ciúmes, “deixa para sair com suas amigas outro dia”, “vamos sair nós dois, outro dia você sai com as meninas”, não era tão óbvio, e depois ele só foi jogando a bomba, não se importava mais.” “...ele podia sair mas eu não podia, ele falava das roupas que estava vestindo, ele podia ter os amigos, eu não.”

Maria: “Assim, incomodava ele o fato de eu me vestir como eu me vestia, no sentido de ele achava que ele ficava diminuído, e ele era extremamente controlador e ele tinha uma maldade intrínseca assim nele. Ele começou a falar da calça jeans, depois as unhas pintadas de vermelhas, e aos poucos fui perdendo minha identidade, minha confiança, não me maquiava, deixei de ser loira, fiquei apagada, as pessoas não me reconheciam mais, não me olhava mais no espelho, coloquei fogo em meus batons, fui submissa. Ele gritava comigo dizendo que uma mulher para estar do lado dele tinha que ser submissa, além dele achar que estava certo, era o que Deus dizia.”

Vemos, nas falas das personagens, que todas foram ficando cada vez mais reprimidas no relacionamento e como o ciúme foi um fator predominante para que isso acontecesse. O ciúme evolui como uma defesa, uma resposta às ameaças da possível infidelidade e do possível abandono por parte de um parceiro (SEO, 2006).

O controle passa pelas amizades, pelas roupas que as mulheres usam, pela maquiagem, o controle da liberdade de “poder ou não sair”, até as questões financeiras. Tudo completamente dominado pelo abusador. Murta *et al.* (2013), explica que uma questão marcante nos relacionamentos abusivos são as excessivas tentativas de controle que um parceiro tenta exercer sobre o outro, no objetivo de isolá-lo para si. O comportamento controlador se dá de maneira discreta: coisas que são sutis, mas que acabam sendo atos de controle e repressão. Tal controle retrata



uma relação de dominação, onde não se considera o espaço do outro, é um relacionamento de desrespeito à individualidade do outro.

Ápice da Agressão

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1993, definiu a violência baseada em gênero como “qualquer ato de violência que resulte em, ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos às mulheres, incluindo a ameaça de tais atos, coerção ou privação de liberdade, que ocorre tanto na vida pública quanto na privada (OLIVEIRA, 2014). Porém, o ápice para alguns casos, da desconfiança de se estar vivendo um relacionamento abusivo, é a partir da primeira agressão, momento no qual a vítima se sente mais vulnerável. Nossas entrevistadas relataram:

Isadora: “A primeira agressão foi depois de um casamento que a gente foi, quando a gente chegou em casa ele tinha me chamado para sair e eu não quis sair porque estava cansada e ele quis vir embora, não quis ficar lá com os meus amigos. Ele foi e me deu um tapa no rosto. A gente começou discutir e ele me deu um tapa. Eu não achei que aquilo ali ia continuar porque ele era muito bom, e na primeira agressão eu aceitei, acho que esse foi meu grande erro: ter aceitado a primeira.” “...as agressões foram piorando, primeiro foi o tapa, depois ele ficava me chutando, depois ficava puxando meu cabelo e os meus braços andavam sempre muito roxos, sabe? [...] continuava as agressões, e eu vi que estava aumentando, ele segurava meu pescoço, machucou minha sobrancelha, tenho cicatriz até hoje, porque ele bateu a porta no meu rosto. É, às vezes eu viajava com ele assim e eu fingia que desmaiava pra ele não me deixar na estrada, teve uma vez que aconteceu isso. E assim era muito pânico, muito pânico mesmo.”

Valéria: Quando a gente saía, tinha bebida, em festa ele ficava muito alterado, ele gritava comigo, não importava se estava no meio de muitas pessoas ele não se importava, me pegava pelo braço e saía me arrastando pelos lugares. [...]. Foi um processo muito doloroso e muito difícil, e no relacionamento por vezes liguei para a polícia, do tanto que ele estava me machucando, meu braço já estava roxo, foi muito

difícil, por mais que a gente sabe que tá sendo tóxico e doloroso a gente não consegue sair daquilo, não consegue simplesmente deixar e sair.”

Maria: “As agressões físicas sempre existiram, eu apanhava em todas as discussões, mesmo antes de descobrir a traição. As discussões não eram porque eu descobri a traição somente, nós tivemos outras discussões, por outras temáticas e ele me batia.” “... um dia ele me bateu, me bateu, me bateu, e assim ele apagou um cigarro dentro do meu umbigo, ele me deu várias “bicas”, chutes nas costas e na lateral. E eu me defendia muito colando a mão no rosto pra tentar defender, porque se eu chegasse em casa e tivesse marcado, ninguém podia ver. [...] E assim, esse relacionamento, eu era obrigada a fazer sexo com ele quando eu não queria e eu não entendia que isso era estupro. Ele fazia de mim, ele queria que eu fosse uma atriz pornô. E isso ele verbalizou, ele falou pra mim, e era viciado. E isso foi o que vivi no relacionamento, além das agressões, das mentiras, enganações.”

Assim como a agressão psicológica aparece aos poucos, o primeiro relato de agressão também demonstra isso. Os agressores agem sorrateiramente, porém não conseguem manter essa imagem por muito tempo. Observa-se que a violência psicológica antecede o estupro nas relações afetivas. Quando não consentido, o agressor usa de intimidações, desmoralizações e manipulação emocional para conseguir seu objetivo, e a vítima cede ao desejo do agressor temendo a agressão física ou por entender que por estar em uma relação afetiva, tem como obrigação fazer sexo no momento em que o parceiro desejar. Quando o agressor não consegue o consentimento, o próximo passo é justamente a violência (DANTAS-BERGER, GIFFIN, 2005).

As vítimas de violência tendem a sentir-se sozinhas, assustadas, envergonhadas, culpadas, desconfiadas, inseguras, confusas, tristes, ansiosas e estes sentimentos são naturais, uma vez que se encontram numa situação complicada de resolver e ultrapassar. Manifestam baixa autoestima, podem apresentar também sintomas de mal estar físico (cansaço, insônias, dores de cabeça, entre outros). Os níveis de ansiedade da vítima podem aumentar pelo fato desta poder reviver

cognitivamente o evento de violência do qual foi alvo (MANUEL, 2014).

Interpretando papéis: Arrependimento

Após as agressões, o agressor, ao perceber que poderia perder a vítima, começa a agir de uma forma que demonstra, de certa forma, o arrependimento. Este papel, mesmo que muito curto, auxilia para que as vítimas acabam por voltar atrás na decisão de terminar ou não, como dito por nossas entrevistadas:

Isadora: “Era assim, eu terminava, aí ele insistia, insistia, e eu voltava porque era assim, ele mostrava um mês/dois que era bonzinho, dizia que tinha mudado e chorava, aí eu voltava pra ele aí começava tudo de novo. E foi assim um longo período, até que eu não consegui mais manter isso, eu não consegui mais ficar junto com ele.[...] o clássico né? Pedir perdão, chorar, fazer favores pra você que você já tinha pedido antes mas ele não faria de jeito nenhum, qualquer coisa que você quisesse ele buscava, qualquer coisa que você pedisse ele faria, “eu amo você demais, quero você só pra mim”; “eu to arrependido, nunca mais vou fazer isso, me ajuda tô com problema, me ajuda a ir em um psicólogo, psiquiatra, eu tenho que fazer tratamento, gosto demais de você, não quero te perder, eu vou mudar, vou ser diferente”.

Valéria: “Ele briga com você em um dia no outro te trata como se nada tivesse acontecido, aparece como se estivesse tudo bem, te da presente como se fosse algo normal, um dia te bate, mas no outro nada aconteceu, vou te dar um chocolate é como se apagasse tudo [...] fingir principalmente que nada tinha acontecido, como se eu fechasse o olho e apagasse tudo que aconteceu, vamos seguir normal, aí conversava comigo normalmente.”

Maria: “... e ele chorando, todo arrependido, aquela cena toda né, clássico. A história se repete né, porque parece que eles têm o mesmo padrão de comportamento. É super previsível.”

O padrão, além de ser muito previsível como relatado pela entrevistada, Maria, não costuma durar muito tempo e assim o mesmo volta a sua face verdadeira e volta

com as agressões. Isso reforça o ciclo de violência citado na literatura.

Uma outra característica percebida pelos participantes da pesquisa foi a manipulação, que apareceu de diversas maneiras. Ela ocorre quando se dispõe de condições para invadir os limites do eu do outro, constrangendo-o a ações ou revelações muitas vezes não aceitas, quando avaliadas no momento ou posteriormente. Também quando se manipula o outro em benefício próprio (KERBAUY, 2002, pag. 3).

Culpa

O processo de culpabilização da vítima, principalmente da mulher, é muito comum em relacionamentos violentos. (DE MOURA, HENRIQUES, 2014). As participantes deste estudo relataram como se sentiam:

Isadora: “Eu me sentia culpada por ter isso tudo e ele não ter, porque ele colocou tanta coisa na minha cabeça que tudo que passava com ele a culpa era minha, eu sabia que não era mas ficava com a consciência pesada, pensava assim: “Meu Deus porque eu tenho tudo isso e ele não tem, coitado? Ele tá assim porque não consegue nada, não tem um emprego bom”. Mas assim, nada era bom pra ele.”

Valéria: “...não sabia às vezes tomar uma decisão sozinha, era muito influenciada, algo que as pessoas falavam comigo já me deixava pensativa. De certa forma, com o tempo ele foi aprendendo a me manipular e se aproveitar dessa minha fragilidade, dos momentos na qual eu ficava deprimida, para mim não fazer algo que desagradava ele.”

Maria: “...eu ficava preocupada com ele, porque o sentimento de ódio e raiva, virava de dó. Eles conseguem virar as coisas, mudar o negócio de uma maneira que não dá pra explicar. É um jogo de manipulação.”

A culpa criada e enraizada dentro de suas vítimas facilita para que elas não fiquem longe dos agressores. Mesmo que acabem por terminar o relacionamento, acabam voltando. Os dados encontrados corroboram Souza e Da Ros (2006), que postulam como motivos que as mantêm em um relacionamento abusivo, pressupostos voltados à construção do gênero feminino, a convivência com o medo, a culpa e a dependência emocional. Esse fator auxilia na evolução das agressões.

“Estou vivendo um relacionamento abusivo?”

As fases descritas de como estes relacionamentos possuem uma sincronia traz à tona alguns questionamentos por parte das vítimas que vivenciam o mesmo. Posso refletir sobre as falas anteriores apontando para as perspectivas de gênero, que ensinam a mulher a “aceitar” ser violentada dentro da relação, fazendo-a não perceber as 58 violências como tal ou até mesmo aceitar que se encontra em uma relação violenta (SOUZA, DA ROS, 2006). Mas necessita que se faça necessário a identificação de se estar vivendo um relacionamento abusivo para iniciar o distanciamento. Nossas entrevistadas relatam como foi este processo:

Isadora: “Então, é estranho te falar isso mas estava em um relacionamento e nunca cheguei a conclusão de que você estava vivendo um relacionamento abusivo. Não caiu a ficha, eu estou vivendo um relacionamento abusivo, porque a gente acredita muito que a gente pode mudar alguém, que a gente vai fazer a pessoa mudar, que ele vai melhorar. [...] esses caras, eles demonstram que gostam tanto de você que você pensa "meu Deus, eu nunca vou conhecer alguém que goste tanto de mim assim. [...]Eu só procurei uma ajuda porque eu vi que eu ia morrer, mas eu não admito que estava em um relacionamento abusivo.”

Valéria: “No primeiro ano não tinha conhecimento, até porque tinha 15 anos. Quando comecei a faculdade, que aí comecei a conversar com outras pessoas, foi quando parei pra pensar, porque todos começaram a falar “isso não existe, isso não é normal, isso não tá certo”. Com o tempo comecei a enxergar e ver que não estava certo, só que eu tinha consciência que era um relacionamento abusivo porém não conseguia sair, tanto que a gente ficava terminado passava uns dias a gente voltava, aconteceu quatro vezes nesses três anos.”

Maria: “É muito difícil sair disso, é uma âncora que puxa a gente pra baixo, e é ladeira abaixo cada vez mais e mais. Eu sentia algo, mas não era como um relacionamento abusivo, eu não conseguia ter essa resposta, não conseguia entender o absurdo de uma maneira revoltada e talvez revolucionária.”

É perceptível que algo está errado, porém, para a vítima, é muito difícil esta identificação, o que resulta em uma continuidade do relacionamento. Tais falas corroboram com Souza e Da Ros (2006) quando os autores discutem que o envolvimento emocional muitas vezes é decisivo para a permanência no relacionamento e que algumas vezes, esse envolvimento afetivo evolui para a dependência emocional.

A dependência emocional torna o rompimento do relacionamento muito difícil. Homens que são emocionalmente dependentes de suas parceiras tendem a desempenhar mais frequentemente o papel de abusadores, enquanto que as mulheres dependentes tendem a ser vítimas, corroborando com a literatura. A essência da dependência emocional nas relações amorosas não é amor, e sim medo de vir a ser abandonado (BUTION, WECHSLER, 2016; SOPHIA, TAVARES, ZILBERMAN, 2007)

Preciso de ajuda

Um passo primordial para conseguir se afastar do abusador, é o momento que a vítima identifica que necessita de ajuda. Com nossas entrevistadas o processo foi o mesmo:

Isadora: "...eu procurei uma psicóloga, minha amiga, e disse pra ela que queria terminar e não queria voltar mais, pedi pra ela me ajudar. Comecei a fazer terapia com ela, mas não consegui acabar. Eu ia, parava, parava."

Valéria: "Procurei ajuda e depois de um tempo fazendo tratamento psicológico, eu decidi que iria terminar de uma vez."

Maria: "Eu faço acompanhamento psicoterápico há 3 anos, semanalmente, e assim, eu desenvolvi uma depressão depois desse relacionamento. [...]Eu aprendi agora com essa psicóloga a me observar, conversar comigo mesma, observar minhas emoções, pensar o porque estou sentindo isso, anotar tudo. Foi quando percebi que era tudo impacto de tudo que vivi, e é muito difícil tem dias."

A ajuda psicoterápica ajudou no reconhecimento e no processo de afastamento

das entrevistadas desses relacionamentos. Foi possível perceber que o término é uma decisão difícil para elas, pois há um medo muito grande de que os parceiros façam algo contra elas ou suas famílias.

Fim

Como descrito anteriormente, cada passo foi essencial no processo de entendimento do que se vivia dentro deste relacionamento para assim chegar a seu fim. Mas este fim tem todo um processo que necessita ser feito. Nossas entrevistadas detalharam suas vivências:

Isadora: "Fiz tratamento por um período com minha psicóloga e foi aí que eu consegui terminar com ele e descobri que estava grávida. Cheguei pra ele e disse que tinha que terminar com ele, ele falou comigo assim: você vai criar seu filho sozinha? Falei: "vou porque eu prefiro criar sozinha do que morrer, porque eu vou morrer com você". Aí foi quando eu consegui terminar, mas foi muito difícil. Eu terminei e entrei em depressão, perdi 10 quilos, continuei o tratamento, engravidei, ele teve umas tentativas de volta durante a gravidez, teve agressões durante a gravidez foi onde eu não quis mais, não quis conversar com ele e continuei a gravidez sozinha. [...] sendo sincera, eu não finalizei quando eu terminei. Porque depois que eu terminei, que eu tive minha filha, eu fiquei dois anos ainda muito mal. Foi a pior sensação do mundo pra mim. Muito ruim. Eu só decidi sair porque eu não tive opção, talvez se eu não tivesse engravidado, eu não tivesse terminado, ou talvez eu já estava até morta".

Valéria: "...eu decidi que iria terminar de uma vez. Aí foi quando ele me falou que já tinha me traído, jogou uma bomba em cima de mim, por mais que já tinha acontecido aquilo, me machucou demais, me deixou muito chateada e até hoje tenho um pouco de receio em relação a namoro por causa disso, demorei demais para conseguir falar sobre essas questões era algo que me incomodava demais, não conseguia conversar nem com meus pais sobre isso."

Maria: "Eu descobri a traição entrando na casa dele, eu tinha ido lá e limpado tudo, aí eu cheguei no dia seguinte e tinha uma latinha de cerveja no chão e eu olhei

aquilo e foi intuitivo mesmo falei: “aconteceu alguma coisa aqui”. Ele ficou mudo e aí dias depois eu passando na rua uma menina riu da minha cara, tipo “a corna”, aí eu peguei ele, apontei ela e ele falou: “é, eu te traí com ela, eu fiquei com ela”. E ali pra mim foi a gota, foi aonde eu terminei. ”

O processo é longo e demorado para estas entrevistadas e para a grande maioria das mulheres que saem de um relacionamento abusivo. Truninger (1971) postula que algumas das razões pelas quais as mulheres não rompem o relacionamento com os parceiros abusivos são: elas podem ter autoconceito negativo e a crença de que seus parceiros mudarão, porém é de suma importância analisar a subjetividade da mulher vítima de violência na intimidade, pois, para se conhecer o motivo da permanência dela na relação conjugal violenta, é preciso saber o que a leva ou não a apresentar seus desejos e emoções nessa dinâmica de violência, que, muitas vezes, impossibilita-a à construção de nova maneira de ser ou existir (MELO, PEDERIVA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou às participantes revelarem-se, expressarem-se, tal como se sentiram sobre as violências sofridas, bem como concedeu-lhes a oportunidade de relatarem suas experiências com detalhes, olhando para todo o contexto sócio-emocional e também, respeitando suas subjetividades.

Portanto, finalizamos esta pesquisa com a noção de que muito ainda precisa ser conquistado no que diz respeito a igualdade de direitos e prevenção no enfrentamento às diversas formas de violência. A história nos mostra um panorama que reforça todas as formas de preconceito e a perpetuação das micro e macro violências, bem como o silenciamento delas. Pesquisas nesse âmbito podem dar visibilidade a esse tema e precisam partir de perspectivas como a fenomenológica, que respeita a vivência das pessoas e mostra as vulnerabilidades dessas mulheres, sem julgamentos prévios e sem naturalizar o papel feminino como a única responsável por toda a relação, reforçando sentimentos de culpa e dependência emocional.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018.

ALEMANY, Carme. Violências. Em: HIRATA, Helena e colaboradores. **Dicionário crítico do feminismo**. Tradução de Naira Pinheiro. São Paulo: Editora UNESP, p.272-277, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf> . Acesso em 16 out. 2020.

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.13, n.1, p. 5-10, 1996.

BARBOSA, Celísia; TESSMANN, Dakari Fernandes. Violência sexual nas relações conjugais e a possibilidade de configurar-se crime de estupro marital. **Judiciare, Brasil**, v.6, 1 jun. 2011.

BARREIRA, Alice Kelly, Lima, Maria Luiza Carvalho de e Avanci, Joviana Quintes. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2013, v. 18, n. 1, pp. 233-243. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BARRETTO, Silva, Raquel. O que caracteriza o relacionamento abusivo? Repórter Unesp. 2015. Disponível: <http://reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-oque-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em 16 out. 2020.

BRASIL. Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2019. Acesso em 16 out. 2020.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Enfrentando a Violência contra a Mulher. Brasília, 2005.

BUTION, Denise Catricala; WECHSLER, Amanda Muglia. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, v. 7, n. 1, p. 77-101, jun. 2016.

COELHO, Elza Berger Salema. *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Mapa da violência contra as mulheres**. Anexo II – Pav Superior - Sala 150, Ala B Praça dos Três Poderes - CEP: 70160-900 Brasília/DF, 2018. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2021.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, Abr. 2005.

FALCHETTO, Giovanna *et al.*; OLIVETTO, Tatiana. **Amores abusivos sobre olhar delas**. Gráfica Diagrama / Gráfica Avalon Digital Pixabay – Banco de Imagens Livre Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, São Paulo/ 2017.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas psicol.[online]**. 1996, v.4, n.1, p. 97-110. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009>. Acesso em 16 out. 2020.

GOMES, Ingrid Raphaele Rolim *et al.* .A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da Ação planejada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.38, n.94, p. 55-66, 03/2018.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil. Atlas da violência IPEA e FBSP. Brasília: IPEA, 2019. (Nota Técnica, n.17). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2501.pdf> Acesso em 02 fev. 2021.

KRUG, Etienne *et al.* (eds.) **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

KERBAUY, Rachel Rodrigues. Aprendendo a discriminar os sinais de manipulação. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 13-

20, jun. 2002 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452002000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 jun. 2021.

MANUEL, Soraia Cristina Gonçalves. **A violência no namoro entre jovens adultos**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2014.

MELO, A. G., PEDERIVA, R. Violência contra a mulher: a permanência da mulher na relação violenta após a denúncia e a retirada da queixa. **Unoesc & Ciência - ACBS**, v.7, n.2, p. 221–228. 2016 Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/11757>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MOURA, Laiana Carla de; HENRIQUES, Iaie Barros. Aspectos Sócio-Históricoculturais envolvidos no fenômeno de culpabilização de mulheres vítimas de violência. **Veredas Favip** ano 10, v. 7, n. 2, p. 24 – 42. 2014. Disponível em: <<http://veredas.favip.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/248/296#>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MURTA, Sheila Giardini et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, Ago. 2013.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* . Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 3, 2016.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira. **Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde**. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha Informativa - Violência Contra As Mulheres**. Brasília, 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **Perspec.**, São Paulo , v. 13, n. 4, p. 82-91, Dez. 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 out. 2020.

SEO, Khallin Tiemi. **Manifestações de ciúme e suas consequências, na dinâmica de relacionamento conjugal**, (Monografia). Faculdade de Ciências da Saúde Garça – São Paulo – Brasil, 2006.

SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares *et al.* . Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 16, n. 50, p. 447-461, Set, 2009.

Sophia, Eglacy C, Tavares, Hermano e Zilberman, Monica LAmor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?. **Brazilian Journal of Psychiatry [online]**. 2007, v. 29, n. 1, pp. 55-62. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000003>>. Acesso em: 5 jun. 2021

SOS MULHER E FAMÍLIA. **Sinais de Relação Abusiva**. 2016. Disponível em: <<http://www.sosmulherfamiliauberlandia.org.br/>>. Acesso em 16 out. 2020.

SOUZA, Patrícia Alves de; DA ROS, Marco Aurélio. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, EDUFSC, v.1, n. 40, p. 509-527, 2006.

TRUNINGER, E. Marital violence: the legal solutions. **Hastings Law Journal**, v. 23, n.1, p. 259- 276, Nov. 1971.